

aroldo
márcio

Arquiteto e urbanista pela UFMG, mestre em História pela UFG, professor do curso de arquitetura da UCG.
amarquitetura@hotmail.com



Sede de fazenda – Coerência de linguagem, espaço e paisagem

Por um acervo arquitetônico

A implantação dos condomínios horizontais em Goiânia, a partir de 1990, descortinou para os arquitetos um amplo espaço de trabalho que, numa visão bastante otimista, prometia produzir um acervo de qualidade de nossa produção arquitetônica

em meu ponto de vista, o projeto residencial encerra características bastante especiais, pela sua particular e personalizada destinação e pela sua pequena e proporcional escala, materializando-se em esculturas de grande apelo plástico.

Na realidade, o resultado que se tem obtido nesses condomínios deixa a desejar. Embora existam excelentes obras isoladamente, o panorama representado pelo conjunto das edificações é de uma padronização extrema das soluções arquitetônicas. Essas soluções se resumem, basicamente, em dois “estilos” que se reproduzem de maneira banalizada, o que me leva supor uma



Residência JSilva – *Geometria marcante em linhas retas, curvas e cores*

desorientação do proprietário na identificação de sua casa no retorno de uma “noitada”.

As possíveis causas para esse resultado iniciam-se, no meu ver, no devaneio do proprietário na compra do lote e na imposição de suas pretensões: “eu quero uma casa no campo...” (lembrando a música de Elis Regina). Mal sabe o “recém chacareiro” que ali naquele local alto, com vista maravilhosa, vão se assentar no mínimo mais quatro casas coladinhas na

dele: nas laterais, no fundo e na frente.

Portanto, varandas em excesso e cascatas de telhados não vão dar certo ali. Também temos que considerar que os lotes estreitos e a exigência de alguns condomínios fazem com que os beirais avantajados tornem-se inviáveis. Essa linguagem arquitetônica exige espaços generosos, como os das fazendas, chácaras ou mesmo lotes urbanos, mas de grandes dimensões.

Ainda quanto às possíveis causas, acho que o modelo “clean” (muitas vezes dito erradamente “clínica”), passou a ser o caminho mais fácil para se



Residência aldeia – *Duas linguagens em harmonia*

dar um abrigo digno a quem tem necessidade: uma caixa que substituiu a alvenaria pelo vidro, mantendo aqui e ali aqueles pilares que não puderam ser eliminados. Tudo muito branco, exceto o vidro, verde clarinho (denominado popularmente de “aquário”).

As necessárias medidas para corrigir esse quadro começariam pela confiança e acatamento do proprietário da opinião

de seu arquiteto quanto às limitações do projeto e quanto à solução viável, mesmo que venha desviar sonhos, mas, garantir uma qualidade no morar.

Além disso, cabe aos nossos colegas arquitetos entender a necessidade de produzirem uma arquitetura mais instigante, capaz de conferir ao proprietário a individualidade da sua moradia. Trazer a cor para a paisagem me parece ser urgente. Assim ganhamos todos nós: o proprietário, a cidade e o nosso acervo.